

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

CAROLINE ACCO BASEGGIO

**GÊNERO EM DEBATE: UM PANORAMA DA PRODUÇÃO SOBRE HISTÓRIA  
DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS PROGRAMAS DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO RS (2007-2016)**

SÃO LEOPOLDO

2017

CAROLINE ACCO BASEGGIO

**GÊNERO EM DEBATE: UM PANORAMA DA PRODUÇÃO SOBRE HISTÓRIA  
DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS PROGRAMAS DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO RS (2007-2016)**

Artigo apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista em História,  
pelo Curso de História do Rio Grande do Sul  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira

SÃO LEOPOLDO

2017

**Resumo:**

Este trabalho objetiva fazer um levantamento da produção defendida nos Programas de Pós-graduação em História das universidades gaúchas nos últimos dez anos (2007-2016) que tenham trabalhado com a temática da história das mulheres e das relações de gênero como categorias de análise. Percebemos nos últimos anos o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos programas de pós-graduação em história em todo o Brasil, como produto de uma política pública de investimento prioritário na educação. Isso fez com que essas instâncias acadêmicas se tornassem lócus fecundo de produção historiográfica. Por outro lado, movimentos sociais diversos fizeram emergir demandas de grupos específicos, que ecoaram de diferentes maneiras nos espaços acadêmicos. A intenção desta análise, assim, é constatar como a temática específica da história das mulheres e das relações de gênero tem repercutido no espaço dos pós-graduações brasileiros, tomando como recorte os em funcionamento no estado do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** historiografia – história das mulheres - gênero.

## **Introdução**

Este trabalho objetiva fazer um levantamento da produção defendida nos programas de pós-graduação em história das universidades gaúchas nos últimos dez anos (2007-2016), que tenham trabalhado com a temática da história das mulheres e das relações de gênero como categorias de análise.

Percebemos nos últimos anos o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos programas de pós-graduação em história em todo o Brasil, como produto de uma política pública de investimento prioritário em educação. Isso fez com que essas instâncias acadêmicas se tornassem lócus fecundo de produção historiográfica. Por outro lado, movimentos sociais diversos fizeram emergir demandas de grupos específicos, que ecoaram de diferentes maneiras nos espaços acadêmicos. A intenção desta análise, assim, é constatar como a temática específica da história das mulheres e das relações de gênero tem repercutido no espaço dos pós-graduações brasileiros, tomando como recorte os em funcionamento no estado do Rio Grande do Sul.

O recorte temporal de dez anos se justifica pois se acredita que este é um período de tempo razoável para traçarmos um panorama de como esta categoria vem sendo utilizada na produção de dissertações e teses dentro da pós-graduação em história mais recentemente no Rio Grande do Sul.

### **Os Programas de Pós-graduação em História: algumas considerações**

Se hoje pensamos nos programas de pós-graduação das universidades como locais por excelência da produção historiográfica, é importante ressaltar que nem sempre foi assim. Conforme nos explica Francisco Falcon, existia no Brasil, até a década de 1920, uma “tradição já anacrônica de escolas isoladas, de cunho bacharelesco e profissionalizante.”<sup>1</sup> Buscando mudar esse caráter, importantes educadores se reuniram em volta da Associação Brasileira de Educação, em 1924 e, em 1932, após a Reforma de Francisco Campos, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional pronuncia-se em prol de uma universidade moderna, capaz de associar ensino e pesquisa. As primeiras universidades modernas surgem em 1934, com a Universidade de São Paulo, e 1935, com a Universidade do Distrito Federal.

---

<sup>1</sup> FALCON, Francisco J. Calazans. *Reflexões sobre o Programa de Pós-graduação em História Social – trinta anos*. Topoi, Rio de Janeiro, volume 13, número 25, julho/ dezembro 2012, p. 9.

Somente em 1961, após os debates sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), é introduzido através deste preceito legal a oferta de cursos de pós-graduação nos estabelecimentos de ensino superior. A partir de então, cursos de mestrado e doutorado foram criados em todo país, de modo que, em 1965, já existiam vinte cursos de mestrado e dez de doutorado em funcionamento.<sup>2</sup>

No Rio Grande do Sul, na década de 1960, as pesquisas feitas em universidades eram raras. A pesquisa histórica era feita principalmente no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, instituição criada em 1920.<sup>3</sup> Durante cerca de 50 anos, entre 1920 e 1970, os textos produzidos pelos sócios do IHGRS alimentaram a produção historiográfica do Rio Grande do Sul de maneira quase exclusiva. Apesar das críticas que possam ser feitas a produção do IHGRS é preciso compreendê-la em um momento que não existia uma reflexão teórica mais refinada sobre os protocolos do fazer histórico.<sup>4</sup>

A formação de mestres e doutores se dá principalmente a partir dos anos 1970, quando os já professores universitários buscam, além de maior especialização, também aprimorarem-se como pesquisadores. Em 1973 é criado o primeiro curso de mestrado em história do estado, na PUCRS. O PPGH da UFRGS irá surgir somente treze anos depois, em 1986, e o da UNISINOS um ano depois, em 1987. Os mais recentes foram os da UPF (1998), da UFPEL (2009) e da UFSM (2010). Já os cursos de doutorado, por ordem de antiguidade, são os seguintes: da PUCRS (1986), UFRGS (1995), UNISINOS (1999), UPF (2014) e UFSM (2015).

O Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul recebeu nota 5 na última avaliação trienal da Capes (2013) e tem como área de concentração - “História das Sociedades Ibéricas e Americanas”, se articulando em quatro

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>3</sup>ELMIR, Cláudio Pereira. *A produção historiográfica no Rio Grande do Sul nos últimos 50 anos (1961-2010)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho/2011. pp. 1-2. Sobre o IHGRS, ver: HRUBY, Hugo. *Obreiros Diligentes e Zelosos Auxiliando no Preparo da Grande Obra: A História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912)*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007. Dissertação de Mestrado; LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Campinas: Tese de Doutorado – Unicamp, 2004; NEDEL, Letícia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília, Universidade de Brasília / Instituto de Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em História, 2005. Tese de Doutorado; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação - 1925 a 1964*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006 Tese de Doutorado; SILVEIRA, Daniela Oliveira. *“O Passado esta Prenhe do Futuro”*: A Escrita da História no IHGRS (1920-30). Porto Alegre, IFCH/UFRGS, 2008. Dissertação de Mestrado.

<sup>4</sup>Idem, p.2.

linhas de pesquisa: “Sociedade, Política e Relações Internacionais”, “Sociedade, Ciência e Arte”, “Sociedade, Cultura Material e Povoamento” e “Sociedade, Urbanização e Imigração”.

Segundo Silvia Petersen, se a área de concentração do programa é tão ampla que não chega a produzir efeitos importantes na estrutura curricular, diferentemente são as *linhas de pesquisa*. Para a autora, a discussão das linhas deveria ser um *tema permanente* quando se trata de pensar um PPG em História. Para ela,

Linhas de pesquisa consistentes e bem definidas são a base para uma estrutura curricular clara e bem fundamentada, para dar às disciplinas, projetos e produção científica do Programa, a referência do que ele é, para quem deseja uma determinada formação histórica.<sup>5</sup>

O PPGH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que obteve nota 6 na última avaliação trienal da Capes, tem como área de concentração – “História Social” - e suas linhas de pesquisa são: “Relações sociais de dominação e resistência”, “Relações de poder político-institucionais”, “Cultura e representações” e “Teoria da História e Historiografia”. O PPGH da UFRGS havia formado, até o fim do ano de 2013, 264 mestres e 104 doutoras e doutores.<sup>6</sup>

O programa de pós-graduação em história da Universidade do Vale do Rio dos Sinos complementa junto com os três anteriores o grupo dos mais antigos PPGH’s do Rio Grande do Sul e também aqueles com a melhor nota de avaliação da Capes (nota 5). Sua área de concentração é a de “Estudos Históricos Latino-americanos” e suas linhas de pesquisa são: “Sociedades indígenas, cultura e memória”, “Migrações, territórios e grupos étnicos” e “Poder, ideias e instituições”.

A Universidade de Passo Fundo, que recentemente criou seu curso de Doutorado, em 2014, possui três linhas de pesquisa: “Política e Relações de Poder”, “Economia, espaço e sociedade” e “Cultura e Patrimônio”, abrigadas sob a área de concentração “História Região e Fronteira”. O PPGH da UPF possui nota 4 na avaliação da Capes 2013 e em 2010 respondia por 15% das dissertações defendidas no estado.<sup>7</sup>

O mestrado em História da Universidade Federal de Pelotas compõe, junto com o Mestrado e Doutorado da Universidade Federal de Santa Maria, o grupo dos PPGH’s mais

<sup>5</sup> PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *A Pós-graduação em História: novas e velhas questões*. Anos 90, Porto Alegre, volume 13, número 23/24, jan./ dez. 2006, p. 39.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppghist/apresentacao.asp>. Acesso em: julho de 2017.

<sup>7</sup> ELMIR, op. cit., 2011, p. 5.

recentes, coincidindo terem sido os dois criados em anos próximos (2009 e 2010, respectivamente), em universidades federais localizadas fora da região metropolitana de Porto Alegre, possibilitando, junto com o PPGH da UPF, “a interiorização e difusão” da pós-graduação em História no Rio Grande do Sul<sup>8</sup>. O Mestrado em História da Universidade Federal de Pelotas foi aprovado e recomendado pela Capes em 2009, obtendo nota 3 na última avaliação trienal. Tem como área de concentração “Fronteiras e Identidades” e conta com três linhas de pesquisa: “Estado: Entre poder, tensões e autoritarismo”, “Imagens: Entre iconografia, cultura visual e intermedialidade” e “Trajetórias: entre identidades, memória e conflito social”. Até setembro de 2016, o programa havia totalizado 60 dissertações defendidas.<sup>9</sup> Sendo o segundo curso de pós-graduação *stricto sensu* criado em uma instituição pública no Rio Grande do Sul, é interessante a perspectiva de que, apesar de ser situado numa região de fronteira, a problematização da área de concentração não se foca numa perspectiva geográfica, sendo que os conceitos de fronteira e identidade abrem espaço para interpretações e aplicações variadas.<sup>10</sup>

Já o PPGH da Universidade Federal de Santa Maria remonta ao ano de 2010, com a criação do seu curso de Mestrado e, mais recentemente, com o curso de Doutorado (2015). Sua área de concentração é “História, cultura e poder”, desdobrando-se nas suas três linhas de pesquisa: “Fronteira, política e sociedade”, “Cultura, migrações e trabalho” e “Memória e Patrimônio”. O PPGH da UFSM obteve nota 4 na avaliação trienal da Capes 2013.

### **História das Mulheres e das Relações de Gênero**

Utilizaremos neste artigo, ao nos referirmos aos trabalhos analisados, como produções que se inserem no campo de estudos da “História das mulheres e das relações de gênero”. Isto porque os termos “gênero” e “mulheres” são utilizados de forma concomitante dentro da historiografia brasileira, como nos demonstram os trabalhos utilizados como bibliografia deste artigo e as próprias teses e dissertações analisadas. Isto significa que, ao utilizar a categoria “mulher”, por exemplo, um artigo, tese ou dissertação não está excluindo a discussão sobre gênero como categoria de análise dentro da pesquisa histórica. A discussão na maior parte das vezes está presente, e o termo utilizado é mais uma opção de nomenclatura do pesquisador do que uma exclusão da discussão teórica. Ou seja, considerando a produção dos

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/ppgh/>. Acesso em: julho de 2017.

<sup>10</sup> Idem.

nossos PPGH's e as palavras-chave indicadas pelos próprios autores, além dos trabalhos em si, percebemos que as noções de gênero e mulheres dialogam, não apresentando dicotomias muito nítidas na grande maioria das dissertações e teses analisadas.

Para nos situarmos um pouco melhor nesta discussão, é importante resgatar um pouco da trajetória do termo “gênero”. A possibilidade de trabalhar com novas categorias explicativas dentro da história é um movimento que remonta a Escola dos *Annales*, com a busca de “novos temas, problemas e abordagens”. Outros movimentos, como a história das mentalidades e a história cultural contribuíram para o avanço na abordagem do feminino. Assim, segundo Soihet e Pedro,

[...] as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo, a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres.<sup>11</sup>

Porém, a discussão sobre se “história das mulheres” seria um termo adequado para estes novos trabalhos ira surgir com a norte-americana Joan Scott, em artigo clássico chamado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, publicado em 1986 e traduzido no Brasil pela primeira vez em 1990.<sup>12</sup> Scott nos explica nesse texto que o termo gênero fez parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas daquele período para definir um certo terreno de definição, e insistir na inadequação das teorias até então existentes para explicar as desigualdades existentes entre homens e mulheres.

Scott nos pontua também que, em oposição ao termo história das mulheres, o termo gênero daria caráter relacional à história, pois destacaria que a história das mulheres não seria algo separado da história dos homens. A questão se insere no sentido que, ao repensar as mulheres na história, seria preciso também repensar todas as relações em que elas estavam inseridas. Seria necessário, portanto, a escrita de uma *nova história*.<sup>13</sup>

Se nos dias atuais a produção historiográfica deste campo de conhecimento é profícua, sabemos que nem sempre foi assim. Segundo Rachel Soihet e Joana Maria Pedro,

<sup>11</sup> SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero*. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 27, n° 54. Dez. 2007. p. 285.

<sup>12</sup> SCOOT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, jul/dez. 1990.

<sup>13</sup> Idem, p. 6.



A fertilidade dos dias atuais contrasta, entretanto, com a trajetória difícil que a categoria de análise ‘gênero’ enfrentou no campo historiográfico. Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão da categoria ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica. [...] Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade.<sup>14</sup>

Segundo Tania Silva, no Brasil, somente nos anos 1980 surgem as primeiras narrativas que buscam dar conta do sujeito feminino. Porém, estas tentativas ainda estavam muito marcadas pela dialética dominação *versus* opressão, dando nenhum ou quase nenhum destaque as múltiplas formas pelas quais as mulheres resistiram a dominação masculina ao longo do tempo, na vida cotidiana. Segundo a autora, inicialmente a produção ficou muito centrada no período colonial, utilizando-se bastante a senhora de engenho e a escrava como polos opostos e distanciados.<sup>15</sup>

Ao discutir de forma exaustiva o discurso moralizador que atuava sobre os corpos femininos (valendo-se para isso de relatos de viajantes, processos civis e criminais, iconografias), a autora nos fala de uma outra face da mulher brasileira, que vem à tona a partir destas pesquisas, muito menos pacata e ordeira do que se supunha. A análise mais perspicaz das fontes revelou uma mulher menos recolhida ao lar e submissa do que se julgava.<sup>16</sup>

Uma das precursoras desses estudos no Brasil foi Maria Odila Leite da Silva Dias. Em 1984, seu trabalho, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, já trazia a discussão da categoria “mulheres” em sua análise. No mesmo ano, Miriam Moreira Leite organizou *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros. No ano seguinte, Luzia Margareth Rago publicou *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Em 1989, Eni de Mesquita Samara publica *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX e Magali Engel: Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*.<sup>17</sup>

Na década de 1990, importantes trabalhos dão seguimento a trajetória do campo de pesquisa: é o caso de *Os prazeres da noite, prostituição e códigos da sexualidade feminina*, publicado em 1990, de Luzia Margareth Rago; em 1993, *Ao sul do corpo: condição feminina*,

<sup>14</sup> SOIHET; PEDRO, op. cit., 2007, p. 284.

<sup>15</sup> SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajatória da Historiografia das Mulheres no Brasil*. Politéia: História e Sociedade. Vitória da Conquista, volume 8, número 1, 2008, p.227.

<sup>16</sup> Idem, p. 228.

<sup>17</sup> SOIHET; PEDRO, op. cit., 2007, p. 282.

*maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*, de Mary Del Priore; *Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe*, de Joana Maria Pedro, no ano de 1994; o trabalho de Carla Bassanezi em 1996, *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964*.

Já nos anos 2000, destacamos principalmente o trabalho de Mary Del Priore, *História das Mulheres no Brasil*, de 2006, importante coletânea de textos com a participação de mais de duas dezenas de historiadoras e historiadores.

### **A seleção das dissertações e teses**

Para selecionarmos as dissertações e teses que seriam analisadas, foi feito um levantamento utilizando-se o portal de dissertações e teses da Capes<sup>18</sup>. Neste portal, é possível selecionar a busca por palavras-chave. Neste primeiro filtro, foram utilizados os termos “gênero” e “mulheres”. Numa primeira tentativa, foram também incluídos os termos “história das mulheres”. Ocorre que desta forma houve o retorno de muitos trabalhos, talvez pelo fato de o termo “história” ter sido utilizado, abrindo a possibilidade para que qualquer trabalho que tivesse este termo como palavra-chave fosse selecionado. Os filtros seguintes utilizados foram: ano (2007 a 2016), grande área de conhecimento (ciências humanas), área de conhecimento (história e seus desdobramentos, como: história cultural, história social, história, cultura e sociedade, etc) e instituição (no caso, as universidades gaúchas com programas de pós-graduação em história: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade de Passo Fundo (UPF). Optou-se por deixar de fora Universidades com Programas de Mestrado Profissional, como UCS, FURG e mesmo a UFRGS, por entender que o mestrado profissional tem outra ênfase, voltada mais especificamente para a área de ensino.

Neste primeiro momento, localizamos mais de oitenta trabalhos. Entre eles, alguns que tangenciavam a nossa temática ou eram intimamente ligados, como “sufrágio feminino” ou “educação feminina”. Foi necessário então fazer a leitura dos resumos e palavras-chaves, para perceber se a discussão historiográfica sobre gênero e/ou mulheres estava de fato presente.

---

<sup>18</sup> Trata-se da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e o portal pode ser acessado pelo link: <http://www.capes.gov.br/>

Percebemos que na maior parte dos casos esta discussão não estava incluída, optando-se então poder deixá-los de fora.

Por fim, chegou-se a um total de 32 trabalhos: 22 dissertações e 10 teses. Porém, ao fazer a busca destes trabalhos online, nem todos encontravam-se disponíveis nos portais das universidades. Desta forma, conseguimos ter acesso a um total de 22 produções: 16 dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado. São estes trabalhos que foram consultados.

Para a análise destes trabalhos, foi feita a leitura de suas introduções, onde geralmente encontramos a exposição do problema a ser abordado, a temática na qual a investigação se insere, a discussão teórica, o levantamento historiográfico e a apresentação das fontes utilizadas. Essas variáveis nortearão nossa análise historiográfica, pois as consideramos capazes de nos possibilitar a descrição mais detalhada do campo de produção historiográfica em que se investiga as categorias de gênero e história das mulheres. Nos casos em que estes elementos não apareciam explicitados na introdução, geralmente vinham logo em seguida, na forma de um primeiro capítulo. Neste caso, este também foi analisado.

A seguir, passaremos a detalhar os resultados obtidos na análise das teses e dissertações.

## **Fontes e temas**

No decorrer desta pesquisa, nos deparamos com uma gama variada de fontes utilizadas na escrita dos trabalhos. Das fontes governamentais, oficiais, passando pelas jurídicas – processos-crime, inventários, testamentos, os periódicos – almanaques, revistas, jornais diversos, chegando às obras pictóricas renascentistas de Artemisia Lomi Gentileschi e ao livro das confissões de Martin Perez! Isso, sabe-se de antemão, devido a necessidade de percorrer variados registros na busca dos vestígios deixados pelas mulheres do passado.

Porém, é interessante notar, assim como nos diz a historiadora Maria de Lourdes Janotti, que o uso das fontes também possui sua história.<sup>19</sup> Isso porquê os interesses dos historiadores e da sociedade como um todo mudam, mas também porque a disciplina se modificou de tal forma que possibilitou a inserção de diferentes suportes documentais na escrita da história.

---

<sup>19</sup> JANOTTI, Maria de Lourdes. *O livro Fontes Históricas como fonte*. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo, Contexto, 2006, p. 10.

Segundo Janotti, no século XIX, momento em que a história se afirma como disciplina acadêmica, os parâmetros metodológicos que orientavam a crítica interna e externa das fontes ainda eram muito rígidos, preocupados em demasia com a questão da autenticidade dos documentos. Com as transformações ocorridas na Europa e o surgimento da burguesia, aliada ao Estado e defendendo posições imperialistas e a exploração da nascente classe operária, abre-se espaço para o surgimento do materialismo dialético, o qual atribui o sentido da história a luta das classes sociais opositoras, dominantes e dominados. Surgem então estudos de Economia e Sociologia, e se antes o foco na interpretação das fontes era na área política, passa-se então a procurar na documentação indícios sobre atividades econômicas.<sup>20</sup>

É com a historiografia francesa, que já em fins do século XIX possuía grande influência no Brasil, que em 1929, com o surgimento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, há um reconhecimento da necessidade de estreita colaboração entre as diversas ciências sociais. Críticos da historiografia política tradicional, pela superficialidade no trato das fontes, March Bloch e Lucien Febvre propõem a *História-problema*, segundo a qual as fontes deveriam ser buscadas e interpretadas de acordo com as perguntas do historiador.<sup>21</sup>

É neste ponto que cruzamos a nossa análise com a historicidade do uso das fontes. O que as teses e dissertações nos mostram, em síntese, foi o que diversos historiadores já nos disseram: foi precisamente a mudança nos paradigmas da disciplina, desenhados desde o século XIX, que ao permitir o uso de variados tipos de fontes, também possibilitaram que as mulheres e as relações em que elas estavam inseridas fossem trazidas ao palco principal da escrita da história.

No decorrer do nosso levantamento de dados, foi possível perceber que algumas documentações tinham um caráter de fonte principal, enquanto outras possuíam caráter complementar. É possível fazer esta constatação, apesar de que na escrita de uma história das mulheres, sempre é necessário o cruzamento de diversas fontes, ou nas palavras de Maria Odila Leite, “reunir dados muito dispersos”, devido à precariedade de registros nos documentos públicos.

---

<sup>20</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 12-13.

Entre as fontes usadas com caráter principal, destacamos quatro: as **fontes periódicas** (almanaques, jornais e revistas), **processos-crime**, **fontes orais** e documentos de **acervos particulares**.

Ao apresentar as fontes, também iremos inserir a questão das *temáticas*, pois a escolha das mesmas implica necessariamente a escolha de fontes que possam dar as respostas necessárias aos problemas propostos pelo pesquisador.

No caso dos **periódicos**, cinco pesquisas dialogam diretamente com estas fontes e a utilizam como matéria-prima de seus trabalhos: a tese de doutorado de Vanderlei Machado, apresentada em 2007 na UFRGS e as dissertações de mestrado de Linara Bessega Segalin, defendida em 2013 na UFRGS, de Paula Rafaela da Silva, defendida em 2010 na PUCRS, de Taiane Mendes Taborda e Paula de Oliveira Vieira, defendidas respectivamente em 2012 e 2014 na UFPEL. Percebemos nestes trabalhos uma **temática recorrente**: a questão das **representações sociais**, ou seja, como homens e mulheres são representados nas páginas destes periódicos e quais os **discursos** construídos sobre como deveria ser o comportamento esperado para estes personagens, de acordo com expectativas diversas sobre comportamentos ditados a cada um destes sexos. Isso nos leva à questão apresentada por Michelle Perrot: se existe uma dificuldade, uma escassez de registro sobre a história das mulheres e das relações de gênero, abundantes são os discursos. Nas palavras da historiadora: “Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer”.<sup>22</sup>

A tese de doutorado de Vanderlei Machado, “*Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade em Florianópolis (1889-1930)*”, trabalha com a construção de um modelo hegemônico de masculinidade ideal representada nas páginas da imprensa de Florianópolis, entre os anos de 1889 e 1930. Este é também um trabalho de destaque em nossa pesquisa, pois das 16 dissertações e 6 teses, é a única que utiliza o gênero para a análise como forma de construção de um modelo ideal de masculinidade, e não de feminilidade.

O trabalho de Linara Segalin, intitulado “*Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras?*” *As mulheres nos Almanques gaúchos (1889-1910)*” busca analisar a construção de modelos femininos ideais e as disputas de poder entre homens e mulheres nos textos do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul e do Almanaque Popular

---

<sup>22</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto, 2008. p. 22.

Brasileiro, ambos na cidade de Pelotas. Segundo a autora, os Almanques buscavam construir e divulgar modelos femininos desejados e também àqueles repudiados, através de discursos disciplinadores. Para justificar o trabalho, Segalin ressalta que os Almanques são fontes bastante diversas e pouco exploradas, e vê os mesmos como importantes registros para estudar a histórica cultura e social do país.

A dissertação de Paula Silva, *“Ladies no batente: a representação do trabalho feminino na Revista Lady: a companheira da mulher (1956-1959)”* é bastante interessante no sentido em que dialoga com outro tema bastante presente na nossa pesquisa: o **trabalho feminino**, presente como temática em três dos trabalhos analisados. Paula Silva nos conta que se interessou pela temática do trabalho feminino ao se deparar, folheando a *Revista Lady*, com uma reportagem em que apareciam duas jovens mulheres vestidas de policial, descrevendo o trabalho feminino na polícia no ano de 1956. A autora então se questiona: teria de fato a revista um discurso diferenciado, mais voltado à independência feminina, ou o conservadorismo era mantido, porém de uma forma diferente?

Já Taiane Taborda, em *“Senhorinhas perfeitas: a representação da mulher ideal através das páginas da revista Ilustração Pelotense na década de 1920”*, procura problematizar o perfil representativo da mulher pelotense entre os anos de 1919 e 1922, através das páginas da Revista Ilustração Pelotense, importante publicação editada e impressa na cidade de Pelotas. Em *“O lugar da mulher nas páginas de O Cruzeiro: o caso Elegância e Beleza e Da Mulher para a mulher, na década de 1960”* Paula Vieira nos conduz pelas colunas citadas da revista *O Cruzeiro*, publicação já bastante conhecida pelos pesquisadores que utilizam os periódicos como fonte. A autora está interessada em compreender as mulheres, os padrões de feminilidade e em que lugar social as mulheres estão inseridas nas páginas da revista.

Percebemos, com estes trabalhos, que a temática das **representações sociais**, e mais propriamente das **representações femininas**, dialoga diretamente com a utilização de periódicos como fonte de pesquisa. Trabalhos como o de Dulcília Buitoni, no início da década de 1980, já evidenciavam as potencialidades da imprensa para apreensão do lugar reservado às mulheres nas mais diferentes épocas<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo, Contexto, 2006, p. 126.

No caso dos **processos-crime**, duas dissertações e uma tese utilizam-se dos mesmos como fonte principal. São os casos das dissertações de Daniela Garcez de Oliveira (2010) e de Geza Lisiane Carús Guedes (2014), ambas da UFPEL, e a tese de Carla Adriana da Silva Barbosa, defendida na UFRGS em 2015.

A dissertação de Daniela Oliveira, “*Cotidiano e privação: as mulheres dos campos de cima da Serra (1910-1930)*” busca compreender quais as estratégias que homens e mulheres dos campos de cima da Serra adotaram para sobreviver ao cotidiano marcado pela violência, priorizando as questões femininas, ou seja, as mulheres como vítimas e também os agentes da violência. Já o trabalho de Geza Guedes, “*Criminalidade feminina: mulheres negras e os homicídios em Pelotas (1880-1890)*” analisa a criminalidade feminina a partir dos homicídios ocorridos naquela cidade, percorrendo os caminhos das mulheres negras que figuravam como réis em ações judiciais, seus laços familiares e de parentesco, ocupações e trabalhos. Por fim, a tese de Carla Barbosa investiga como se deu a dinâmica entre as relações afetivo-sexuais, os papéis de gênero e a violência na região sul do Rio Grande do Sul em “*José casou com Maroca e Antônio casou com Fina: relações de gênero e violência afetivo-sexual no Sul do Brasil (RS, 1889-1930)*”.

Percebemos com estes trabalhos que os temas da **violência** e **criminalidade** também aparecem de forma destacada. Se as mulheres, em geral, aparecem silenciadas nas fontes oficiais, os arquivos judiciais e policiais se constituem fontes riquíssimas para a apreensão do cotidiano, principalmente das classes populares. Interrogatórios, resultados de investigações para instruções dos processos, testemunhos, mesmo que com o filtro dos escrivães e comissários de polícia, permitem perceber as reticências, o não-dito, o peso do silêncio dessas mulheres.<sup>24</sup>

Por fim, destacamos as **fontes orais** e os **acervos particulares**. O trabalho de Débora Strieder Kreuz, apresentada ao PPGH da UFPEL em 2015, aborda a militância clandestina de mulheres contra a ditadura, de maneira a compreender como sua atuação influenciou a formação do movimento feminista nacional. A autora de “*Elas tem outro jeito de ser, de resistir: a narrativa de mulheres sobre o feminismo e sua militância a ditadura civil-militar brasileira*” utilizou-se da História Oral e outras fontes complementares a pesquisa, e nos informa que sua análise procurou também perceber como a memória das militantes por ela entrevistadas foi permeada pelas questões de gênero. Já a tese de Carlos Dias “*Costurando*

---

<sup>24</sup> PERROT, op. cit, 2008, p. 27.

*vidas – O itinerário de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939)* analisou a trajetória das duas professoras a partir do lugar de origem de seus percursos, da configuração de seus laços familiares e das escolhas profissionais. Sua principal fonte de pesquisa foram os acervos particulares das duas professoras, a saber, o diário pessoal de Júlia Malvina e a correspondência passiva de Ana Aurora.

Dessa forma, percebemos o que já salientava Perrot: “Em virtude de sua posição na família, há mais chances de encontrar vestígios das mulheres nos *arquivos privados*”<sup>25</sup>. Isso é evidente se pensarmos que durante muito tempo as mulheres não produziram e não apareciam nas documentações públicas, por estarem restritas ao ambiente privado, com poucas exceções. Falando especificamente do diário pessoal, Perrot nos diz que este é um tipo de registro infinitamente precioso, pois é graças a ele que se ouve o “eu”, a voz das mulheres. Voz de mulheres cultas, que têm acesso à escrita, e cujos papéis além do mais foram conservados. Condições segundo a autora difíceis de serem cumpridas.<sup>26</sup> Mas, como nesse caso, que possibilitaram a análise de uma trajetória de vida e contribuições importantes na pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero.

## **Teoria e Historiografia**

Nesse tópico, procuramos apresentar os principais autores e conceitos utilizados nas teses e dissertações analisadas. É necessário salientar que procuramos trazer para à discussão àqueles autores e obras que se relacionam mais diretamente ao campo de estudos da história das mulheres e das relações de gênero, sendo que diversas outras autoras, autores e conceitos não serão relacionados.

No que diz respeito à *historiografia*, podemos dividir em dois grupos: historiadoras e historiadores nacionais e estrangeiros. Percebemos nos trabalhos analisados um debate bastante profícuo com a historiografia nacional, sendo que os autores brasileiros são muito mais utilizados do que os estrangeiros. Autoras como Rachel Soihet, Joana Maria Pedro, Margareth Rago, Carla Bassanezi, Mary Lucy Murray Del Priore, para destacar as mais citadas, aparecem em grande parte dos trabalhos analisados. Quanto às estrangeiras, as principais citadas foram Michelle Perrot e Natalie Zemon Davis. Obviamente, num universo

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 27.



de 22 trabalhos, diversas outras autoras e autores apareceram, relacionados em maior ou menor grau com a nossa temática, porém estas foram as consideradas mais relevantes.

No cenário nacional, destacamos os trabalhos de Rachel Soihet, *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*, de 1989 e *O corpo feminino como lugar de violência*, artigo publicado em 2002. Também o artigo publicado em 2007, *A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero*, em parceria com Joana Maria Pedro. Desta última historiadora, são trabalhos de destaque que apareceram nas nossas análises: *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*, de 1994; *Mulheres do sul*, artigo publicado em *História das Mulheres no Brasil*, livro organizado pela historiadora Mary Lucy Murray Del Priore, em 2007; *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*, artigo de 2005 e *Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*, artigo de 2011.

Também Luzia Margareth Rago é bastante citada nas pesquisas, principalmente as seguintes obras: *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930*, de 1985 e *As mulheres na historiografia brasileira*, artigo publicado junto ao livro *Cultura histórica em debate*, de Zélia Lopes da Silva (organizadora), de 1995. Já Mary Lucy Murray Del Priore aparece, entre outras, com as seguintes obras: os livros *História das Mulheres no Brasil*, de 2007 e *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades, e mentalidades no Brasil colônia*, de 1993. Por fim, Carla Bassanezi com a obra: *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e as relações homem-mulher*, de 1996.

No cenário internacional, citamos os trabalhos de Michelle Perrot: *Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros* e *As mulheres ou os silêncios da história*, ambos de 1988 e mais recentemente o livro *Minha história das mulheres*, de 2007; de Natalie Zemon Davis o livro *Culturas do povo*, com destaque para o capítulo *As mulheres por cima*, publicado em 1988 e *Nas margens: três mulheres do século XVIII*, de 1997.

Quanto aos principais teóricos utilizados, percebemos que, no tocante a discussão do **gênero** como categoria de análise, a grande maioria dos trabalhos utiliza a norte-americana Joan Scott para definir o termo. Claro que temos que destacar que não parece nítida a diferença entre teoria e historiografia, sendo usadas as historiadoras mencionadas nos parágrafos anteriores como autoras que endossam muitas opções teórico-metodológicas.

Destacamos o trabalho de Débora Strieder Kreuz<sup>27</sup>. Assim como Scott, e na forma como fará a análise de seu trabalho, Kreuz compreende que “o gênero se relaciona com a forma em que as diferenças são culturalmente percebidas e produzidas [...] assim, não podemos pensar o feminino sem relacioná-lo com o masculino e vice-versa”.<sup>28</sup> São estas relações que a autora buscará na narrativa das militantes analisadas na construção de sua dissertação. A autora também discute de forma extensa a questão da utilização das categorias “mulher”, “mulheres” e “gênero”. Nos pontua, em debate com a historiografia utilizada, que as categorias não possuem uma linearidade, como se com o passar do tempo um conceito deixasse de ser utilizado para ceder espaço a outro. Citando Joana Maria Pedro, reflete sobre a forma que as categorias foram incorporadas pela historiografia brasileira, sendo que no caso nacional e também latino-americano, continuam sendo utilizadas de forma concomitante.<sup>29</sup> Ainda citando Pedro, afirma que pelo fato de a categoria ter vindo do “norte” (principalmente Estados Unidos e França), deveria se adequar a realidade do “sul” e por isso o constante uso do termo “mulher”, não como essencialidade, mas como posicionamento político e reivindicatório<sup>30</sup>.

Bastante frequente também é o diálogo com o conceito de **poder** de Michel Foucault, como por exemplo na dissertação de Linara Bessega Segalin<sup>31</sup>. Segundo a autora, citando Foucault, “Quando digo poder não se trata de detectar uma instância que estenda a sua rede de maneira fatal, uma rede cerrada sobre os indivíduos. O poder é uma relação, não uma coisa”<sup>32</sup>. Ainda segundo a autora, as relações de poder vêm acompanhadas de resistências, e a autora procurará na análise do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul e do Almanaque Popular Brasileiro “compreender aspectos das relações de poder e resistências de gênero que circulavam em suas páginas”. A dissertação de Lélia Coelho Lopes também utiliza estes conceitos, ao analisar as relações sociais no âmbito da família existentes no Rio Grande do Sul a partir da cidade de Rio Pardo, enfocando a situação feminina durante as campanhas militares na Banda Oriental.<sup>33</sup> Para a autora, os conceitos de poder e micro-poderes permitiram verificar o exercício da autoridade por membros da família na vida social e no lar,

<sup>27</sup> KREUZ, Débora Strieder. “*Elas têm outro jeito de ser, de resistir*”: a narrativa de mulheres sobre o feminismo e a sua militância durante a ditadura civil-militar brasileira. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2015.

<sup>28</sup> Idem, p. 21.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>31</sup> SEGALIN, Linara Bessega. “*Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras*”? As mulheres nos *Almanaques gaúchos (1889-1910)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2013.

<sup>32</sup> Idem, p. 28.

<sup>33</sup> LOPES, Lélia Coelho. *Mulheres chefes de família num contexto beligerante: atuações feminina durante os conflitos fronteiriços na banda Oriental (1811-1828)*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, 2014.

ao analisar o contexto em questão. Isso serviria tanto para as mulheres que viam seus companheiros partirem para guerra e seu espaço de autonomia aumentado, quanto para os homens que viam uma perspectiva violenta a sua frente e precisavam ceder autoridade no âmbito privado e negociá-la no espaço público.<sup>34</sup>

Destacamos ainda a utilização do conceito de **representação** de Roger Chartier (que difere da *temática* da representação, analisada em outro tópico deste artigo), presente na dissertação de Paula de Oliveira Vieira que, segundo a autora, é bastante propício para sua análise. Segundo a autora, citando Chartier, “as representações de um mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”.<sup>35</sup> Dessa forma, a autora buscará compreender “qual a realidade que a revista deseja criar para seus leitores, em que ‘luta de representações’ o periódico se insere”.<sup>36</sup> Como a revista o Cruzeiro representa as mulheres, e em qual lugar social as coloca? São perguntas que nortearão a pesquisa de Paula Vieira. A tese de Vanderlei Machado também utilizará o conceito de representação de Chartier, ao buscar entender como a imprensa de Florianópolis buscava “instaurar um modelo de masculinidade que deveria estar coadunada com o idela de civilização do início do século XX”.<sup>37</sup> Ao se buscar este modelo de masculinidade ideal, por meio de uma correlação de forças, eram suprimidos comportamentos que não estivessem dentro do ideal esperado.

Além destes, outros conceitos foram usados mais esporadicamente, como o conceito de **violência** e **privação**, de Hannah Arendt, no trabalho de Daniela Oliveira. Para a autora, a fórmula para estudar o cotidiano complexo é aliá-lo ao de violência, para quem este conceito está engendrado nos subterfúgios humanos e ao de privação, pois segundo a autora “o homem privado é aquele destituído de elementos que estão na primazia do viver humano”.<sup>38</sup> O conceito de **estudo gendrado** aparece na dissertação de Geza Guedes<sup>39</sup>. A autora, explica que o termo foi utilizado no Brasil por Susana Borneo Funck, em ensaio traduzido de Teresa de Lauretis, publicado na obra *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, de 1994. A tradutora explica que o conceito pretende designar o que foi marcado pela

---

<sup>34</sup> Idem, p. 24.

<sup>35</sup> VIEIRA, Paula Oliveira. *O lugar da mulher nas páginas de O Cruzeiro: o caso de Elegância e Beleza e Da Mulher para a mulher na década de 1960*. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2014.

<sup>36</sup> Idem, p. 16.

<sup>37</sup> MACHADO, Vanderlei. *Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade em Florianópolis*. Tese de Doutorado. Florianópolis, Porto Alegre, 2007. p. 39.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Daniela Garces. *Cotidiano e privação: as mulheres dos campos de cima da Serra (1910-1930)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2010. p. 20.

<sup>39</sup> GUEDES, Geza Lisiane Carús. *Criminalidade feminina: mulheres negras e os homicídios em Pelotas (1880-1890)*. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2014.

especificidade de gênero. Geza Guedes se propõe então a refletir sobre a história da cidade de Pelotas, durante o período final do Império e início da República, entrecruzando processos criminais e jornais, por meio deste olhar gendrado.<sup>40</sup> O conceito de **resistências** e **micro-resistências** nos é apresentado no texto de Débora Kreuz. A autora nos explica que o conceito de resistência possui uma gama variada de interpretações, principalmente a partir das discussões de Denise Rollemberg, e utilizará em seu trabalho o conceito de resistência de forma mais genérica, de forma a caracterizar as distintas organizações de esquerda que surgiram no início da década de 1960. Ainda nos apresenta a questão das micro-resistências, segundo a autora, àquelas ações praticadas individualmente pelos indivíduos, mas que não estavam relacionadas de forma orgânica com a atuação de organizações clandestinas.<sup>41</sup>

Por fim, ainda mencionamos os conceitos de **habitus sexuais**, de Pierre Bourdieu, **memória**, de Joël Candau, de **projeto, campos de possibilidades** e **experiência**, de Joan Scott e **drama social**, de Victor Turner.<sup>42</sup>

### Considerações finais

O campo de estudos sobre história das mulheres e das relações de gênero é sem dúvidas um dos mais profícuos e dinâmicos da historiografia contemporânea. Neste artigo, tivemos apenas uma pequena amostragem do campo, tendo como recorte as dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação em história das universidades gaúchas nos últimos dez anos. É um recorte sem dúvida muito pequeno, considerando toda a produção nacional e internacional a respeito do tema. Ademais, foram consideradas somente dissertações e teses. Sabemos que anualmente inúmeros artigos são publicados em anais de encontros e em revistas especializadas, muitas vezes como desdobramentos de pesquisas maiores, mas também como contribuições novas, que não derivam de trabalhos anteriores de maior peso.

Não tivemos a pretensão com esta breve análise, de dar conta de toda complexidade de fontes, temáticas, historiografia e teoria utilizadas nas dissertações e teses analisadas. Antes disso, nossa intenção foi somente trazer alguns elementos para pensar como essas variáveis possibilitam a descrição mais detalhada do campo de produção historiográfica em que se

---

<sup>40</sup> Idem, p. 12.

<sup>41</sup> KREUZ, op. cit, 2015.

<sup>42</sup> Discutidos nos trabalhos de Caroline Pereira Leal, Débora Strieder Kreuz, Carlos Gilberto Pereira Dias e Carla Adriana da Silva Barbosa, respectivamente

investiga as categorias de gênero e história das mulheres. Esperamos também que este trabalho instigue aqueles pesquisadores que se sentem inclinados a aprofundar esta temática e, percebendo a fertilidade do terreno atualmente, possam se aventurar e contribuir na consolidação desta área de pesquisa.

### Teses e dissertações

BARBOSA, Carla Adriana da Silva. *“José casou com Maroca e Antônio casou com Fina”*: relações de gênero e violência afetivo-sexual no Sul do Brasil (RS, 1889-1930). **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, 2015.

CHARÃO, Egiselda Brum. *Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/ RS (1945-1965) – História de uma imigração esquecida*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2015.

DIAS, Carlos Gilberto Pereira. *Costurando Vidas – o itinerário de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot (1866-1939)*. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, 2012.

FAUSTO, Letícia da Silva. *A mulher trabalhadora em Santa Maria durante o Estado Novo (1937-1945)*. **Dissertação de Mestrado**. Santa Maria, 2015.

FERREIRA, Letícia Schneider. *“Entre Eva e Maria: a construção do feminino e as representações do pecado da luxúria no Livro de Confissões de Martin Perez”*. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, 2012.

GUEDES, Geza Lisiane Carús. *Criminalidade feminina: mulheres negras e os homicídios em Pelotas (1880-1890)*. **Dissertação de Mestrado**. Pelotas, 2014.

KREUZ, Débora Strieder. *“Elas têm outro jeito de ser, de resistir”*: a narrativa de mulheres sobre o feminismo e a sua militância durante a ditadura civil-militar brasileira. **Dissertação de Mestrado**. Pelotas, 2015.

LEAL, Caroline Pereira. *Festas carnavalescas da elite de Porto Alegre: Evas e Marias nas redes do poder (1906-1914)*. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, 2013.

LEAL, Caroline Pereira. *As mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885)*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2008.

LOPES, Lelia Coelho. *Mulheres chefes de família num contexto beligerante: atuações feminina durante os conflitos fronteiriços na banda Oriental (1811-1828)*. **Dissertação de Mestrado**. Santa Maria, 2014.

MACHADO, Vanderlei. *Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade em Florianópolis*. **Tese de Doutorado**. Florianópolis, Porto Alegre, 2007.

MENDES, Isackson Luiz Cavilha. *As mulheres indígenas nos relatos jesuíticos da Província do Paraguai (1609-1768)*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, Daniel. *Morte e vida feminina: mulheres pobres, condições de saúde e medicina da mulherna Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1880-1900)*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, Daniela Garces. *Cotidiano e privação: as mulheres dos campos de cima da Serra (1910-1930)*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2010.

SCOTTI, Zelinda Rosa. *Que loucura é essa: loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/ RS. (1900-1925)*. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, 2013.

SEGALIN, Lina Bessega. “*Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras*”? *As mulheres nos Almanques gaúchos (1889-1910)*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2013.

SELISTER, Michelle Raupp. “*A viúva rica com hum olho chora e com outro repica*”: *viúvas no Rio Grande de São Pedro na segunda metade do século XVIII*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2014.

SILVA, Paula Rafaela da. *Ladies no batente: a representação do trabalho feminino na Revista Lady: a companheira da mulher*. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, 2010.

TABORDA, Taiane Mendes. *Senhorinhas perfeitas: a representação de mulher ideal através das páginas da revista Ilustração Pelotense na década de 1920*. **Dissertação de Mestrado**. Pelotas, 2012.

TEDESCO, Cristine. “*E non dite che dipingeva come un uomo*”: *história e linguagem pictórica de Artemísia Lomi Gentileschi entre as décadas de 1610 e 1620 em Roma e Florença*. **Dissertação de Mestrado**. Pelotas, 2013.

VARGAS, Mariluci Cardoso. *Deslocamentos, vínculos afetivos e políticos, conquistas e transformações das mulheres opositoras à ditadura civil-militar: A trajetória do Movimento Feminino pela Anistia no Rio Grande do Sul (1975-1979)*. **Dissertação de Mestrado**. São Leopoldo, 2010.

VIEIRA, Paula Oliveira. *O lugar da mulher nas páginas de O Cruzeiro: o caso de Elegância e Beleza e Da Mulher para a mulher na década de 1960*. **Dissertação de Mestrado**. Pelotas, 2014.

## Referências

- ELMIR, Cláudio Pereira. *A produção historiográfica no Rio Grande do Sul nos últimos 50 anos (1961-2010)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho/2011.
- FALCON, Francisco J. Calazans. *Reflexões sobre o Programa de Pós-graduação em História Social – trinta anos*. Topoi, Rio de Janeiro, volume 13, número 25, julho/ dezembro 2012, pp.6-24.
- \_\_\_\_\_. *História e memória: origens e desenvolvimento do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense*. História da Historiografia, Ouro Preto, número 11, abril de 2013, pp. 15-32.
- HRUBY, Hugo. *Obreiros Diligentes e Zelosos Auxiliando no Preparo da Grande Obra: A História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912)*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007. [Dissertação de Mestrado];
- LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Campinas: Tese de Doutorado em História Social – Unicamp, 2004;
- NEDEL, Letícia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília, Universidade de Brasília / Instituto de Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em História, 2005. Tese de Doutorado.
- NICOLAZZI, Fernando; ARAUJO, Valdei Lopes de. *A história da historiografia e a atualidade do historicismo: perspectivas sobre a formação de um campo*. In: VARELLA, F. F. et al. (Org.). *A dinâmica do historicismo. Revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. pp.7-14.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, Contexto, 2008.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *A Pós-graduação em História: novas e velhas questões*. Anos 90, Porto Alegre, volume 13, número 23/24, jan./ dez. 2006, pp. 29-44.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz; LOVATO, Bárbara Hartung. *Introdução ao Estudo da História, Temas e Textos*. Porto Alegre, Edição do autor. 2013.



RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação - 1925 a 1964*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Doutorado em História.

SCOOT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, jul/dez. 1990. Pp. 5-22.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajatória da Historiografia das Mulheres no Brasil*. Politéia: História e Sociedade. Vitória da Conquista, volume 8, número 1, 2008, pp. 223-231.

SILVEIRA, Daniela Oliveira. *“O Passado esta Prenhe do Futuro”*: A Escrita da História no IHGRS (1920-30). Porto Alegre, IFCH/UFRGS, 2008. [Dissertação de Mestrado]

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero*. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 27, n° 54. Dez. 2007. p. 281-300.

#### **Sites consultados**

<http://www.ufrgs.br/ppghist/> Acesso em: julho de 2017.

<http://www.pucrs.br/humanidades/curso/mestrado-em-historia/> Acesso em: julho de 2017.

<http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/historia/presencial/sao-leopoldo>. Acesso em: julho de 2017.

<http://www.upf.br/ppgh> Acesso em: julho de 2017.

<http://wp.ufpel.edu.br/ppgh/> Acesso em: julho de 2017.